

DITADURA E RESISTÊNCIA EM OS QUE BEBEM COMO OS CÃES (1975), DE ASSIS BRASIL

Bruno Marques Duarte¹
Gisele Araújo de Sousa²

33

RESUMO

O presente artigo possui como objeto de estudo a obra *Os que bebem como os cães* (1975), do autor piauiense Assis Brasil, e tem como objetivo uma análise da representação da opressão e da resistência no período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Também analisam as categorias da narrativa e os traços estilísticos e temáticos da obra. A metodologia empregada na pesquisa é a revisão bibliográfica dos teóricos Georgy Lukács (2011), Carlos Fico (2001), Alfredo Bosi (2002) e Iván Izquierdo (2002). Em *Os que bebem como os cães*, verificou-se nos processos estilísticos o efeito cíclico, a narrativa em terceira pessoa, a linguagem simples e objetiva, o discurso indireto livre e o tempo psicológico. Quanto aos temáticos, têm-se a tortura física e psicológica, a opressão, a resistência, a memória, os valores e antivalores, a intolerância política e ideológica e a crítica ao período da Ditadura Militar.

Palavras-chave: Romance; Ditadura; Resistência; Memória.

Dictatorship and Resistance in *Os que bebem como os cães* (1975), by Assis Brasil

ABSTRACT

This article has as its object of study the work "*Os que bebem como os cães*" (1975) by the author Assis Brasil from Piauí, aiming to analyze the representation of oppression and resistance during the period of the Military Dictatorship in Brazil (1964-1985). It also examines the narrative categories and the stylistic and thematic traits of the work. The methodology used in this research is a bibliographic review of the theorists Georgy Lukács (2011), Carlos Fico (2001), Alfredo Bosi (2002), and Iván Izquierdo (2002). In "*Os que bebem como os cães*," stylistic processes such as cyclical effect, third-person narrative, simple and objective language, free indirect speech, and psychological time were identified. As for the thematic aspects, the work explores physical and psychological torture, oppression, resistance, memory, values and anti-values, political and ideological intolerance, and criticism of the Military Dictatorship period.

Keywords: Romance; Dictatorship; Resistance; Memory.

Dictadura y Resistencia en *Los que beben como perros* (1975), de Assis Brasil

RESUMEN

¹ Professor adjunto nível I, dedicação exclusiva e Coordenador do Curso de Licenciatura em Letras Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus de Piripiri.

² Graduada em Licenciatura em Letras Português (UESPI), campus de Piripiri.

Este artículo tiene como objeto de estudio la obra *Los que beben como perros* (1975), de el autor piauiense Assis Brasil, y pretende analizar la representación de la opresión y la resistencia en el período de la Dictadura Militar en Brasil (1964-1985). También analizan las categorías de la narrativa y los rasgos estilísticos y temáticos de la obra. La metodología utilizada en la investigación es la revisión bibliográfica de los teóricos Georgy Lukács (2011), Carlos Fico (2001), Alfredo Bosi (2002) e Iván Izquierdo (2002). En *Los que beben como perros*, se verificó en los procesos estilísticos el efecto cíclico, la narración en tercera persona, el lenguaje sencillo y objetivo, el estilo indirecto libre y el tiempo psicológico. En cuanto a los temas, están la tortura física y psicológica, la opresión, la resistencia, la memoria, los valores y antivalores, la intolerancia política e ideológica y la crítica al período de la Dictadura Militar.

Palabras clave: Romance; Dictadura; Resistencia; Memoria.

Introdução

O presente artigo analisa a representação do período da Ditadura Militar no Brasil no romance *Os que bebem como os cães* do escritor piauiense Assis Brasil, focalizando-se nas práticas de opressão através da prisão e da tortura física e psicológica, demonstrando como tais violações atuam na desumanização do indivíduo. Também analisaremos a resistência do protagonista, que busca sobressair-se ao seu contexto de violência através da recuperação da memória e da identidade, desta forma, iniciando um processo de humanização que será apresentado ao longo da narrativa. *Os que bebem como os cães* ficcionaliza o regime militar em seu autoritarismo, ao narrar a história de um homem sem nome e passado, que acorda amordaçado em uma prisão, sem saber qual motivo o levou a tais condições.

De modo específico, por tratar-se de uma obra literária, é fundamental partir do seu plano de composição e das categorias básicas da narrativa, história/ação, narrador, personagens, tempo e espaço. A seguir, analisa-se a denúncia sócio-histórica contida em seu plano de conteúdo. Logo, é necessário averiguar os recursos estilísticos, linguísticos e textuais utilizados na narrativa para representar, de modo subentendido, o período histórico da Ditadura Militar, pois, neste caso, o romance foi publicado ainda durante o regime e a possibilidade de censuras ou represálias ainda eram possíveis. Esta peculiaridade gera divergências na crítica literária quanto a classificação do romance de Assis Brasil como romance histórico, no entanto, esta questão não será o foco discutido neste artigo.

Considerando que *Os que bebem como os cães* faz parte do grupo de narrativas contemporâneas que abordam contextos ditatoriais, de modo a protestar e denunciar práticas de opressão, reitera-se que esta pesquisa é motivada a partir da necessidade de se compreender e analisar este período de obscurantismo histórico pela ótica da ficção de Assis Brasil como fonte de registro histórico e conscientização política e social. Este revisionismo histórico por meio da literatura, torna-se de suma importância ao considerar tanto o passado quanto o panorama

Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 33 – 50, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

DITADURA E RESISTÊNCIA EM OS QUE BEBEM COMO OS CÃES (1975), DE ASSIS BRASIL

atual das tensões políticas, ameaças às democracias e demais problemas sociais que assolam os continentes mundo afora, em especial, a América Latina.

Portanto, este estudo justifica-se de duas formas, social e acadêmica, no primeiro âmbito, como já mencionado, a análise do romance colabora para a formação de um pensamento crítico e consciente em relação à história, além de servir como fonte documental. No segundo, objetiva-se contribuir para a fortuna crítica da obra, que, embora seja premiada e elogiada pela crítica literária, ainda encontra-se quase desconhecida no cenário nacional, sendo limitada à literatura regional e explorada apenas no ambiente acadêmico. Dessa forma, a elaboração deste artigo visa proporcionar o reconhecimento do autor e sua obra, dando ênfase às produções literárias do Piauí em suas mais variadas temáticas e abordagens contemporâneas.

Por consequência, a fundamentação teórica aqui utilizada é composta por autores que se debruçaram sobre as áreas da literatura, história, sociedade e memória. Para pensar a relação entre literatura e história, foi empregado a obra *O romance histórico* (1955), de Georg Lukács e *Como eles agiam* (2001), do historiador Carlos Fico. Quanto à teorização da resistência, faz-se imprescindível o uso do capítulo “Narrativa e Resistência” presente na obra *Literatura e resistência* do crítico e historiador da literatura Alfredo Bosi. Por último, as considerações do neurologista Ivan Izquierdo acerca da memória, seu conceito, funcionamento e importância para a formação do ser humano.

Quanto à estrutura do artigo, está organizado em duas partes, são elas, a fundamentação teórica e a análise, sendo assim: primeiramente, no tópico intitulado “Romance histórico, ditadura, resistência e memória” serão expostos os pressupostos teóricos que fundamentam a presente pesquisa. Secundariamente, no tópico “Análise de *Os que bebem como os cães* (1975), de Assis Brasil”, serão apresentados um breve resumo sobre a vida e a obra do autor, a estrutura de composição, a análise das categorias da narrativa e a aplicação dos conceitos teóricos e metodológicos, por fim, a conclusão sintetizando os resultados obtidos e elencando as considerações finais do estudo.

O romance histórico: origens e características

Os registros de narrativas de temática histórica existem desde Antiguidade com adaptações escritas de antigas lendas e mitos oriundos da tradição oral dos povos. No entanto, o romance histórico surgiu somente no início do século XIX com a obra *Waverley* (1818) do escritor inglês Walter Scott, assim define o historiador e filósofo Gyorgy Lukács. Em sua obra *O romance histórico*, Lukács afirma que o romance scottiano traz consigo o “elemento

Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 33 – 50, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

especificamente histórico”, ou seja, “o fato de a particularidade dos homens ativos derivar da especificidade histórica de seu tempo” (2011, p. 33), e acrescenta:

No romance histórico, portanto, não se trata do relatar contínuo dos grandes acontecimentos históricos, mas do despertar ficcional dos homens que os protagonizaram. Trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica (LUKÁCS, 2011, p. 60).

Lukács afirma que o romance histórico surgiu a partir da formação de um estado de tensão e instabilidade política em toda a Europa, e apresenta uma série de acontecimentos sócio históricos ocorridos durante os séculos XVIII e XIX, que, segundo ele, condicionaram o contexto propício para o surgimento do gênero. São eles, a ascensão e queda do imperador Napoleão, as guerras napoleônicas e a revolução francesa. Tais fatos, fomentaram a criação de um sentimento de renascimento nacional, que mais tarde, desencadeia no historicismo em sua forma de conscientização da população (LUKÁCS, 2011, p. 38).

O autor também destaca a importância dos romances sociais da literatura inglesa, pois segundo ele, foi o romance inglês “que conduziu o olhar do escritor ao significado concreto (isto é, histórico) do espaço e do tempo, das condições sociais e etc” (2011, p. 36). Além da definição do romance histórico, Lukács também o classificou em duas categorias, são elas, o romance histórico romântico e o romance histórico clássico. O primeiro apresenta-se como oposição à revolução francesa e aos valores iluministas, as obras dessa vertente tentam amenizar os efeitos da luta de classes e se mostram apáticas quanto às guerras e revoluções ao idealizar um passado sem a ocorrência desses eventos históricos (LUKÁCS, 2011, p. 83).

Em contraponto, o romance iniciado por Scott é de caráter progressista, influenciado pelo movimento iluminista e expressa em seu conteúdo o que o romance histórico romântico deixava omitido ou oculto. Deste modo, o escritor inglês torna-se o primeiro a iniciar a chamada corrente clássica. Para além disso, Georgy Lukács elenca algumas características do Romance histórico clássico, dentre elas, a construção do protagonista com “mediocridade” e “desapego” em grandes causas e questões, sendo assim, o oposto dos heróis tradicionais da literatura medieval ou do romantismo (2011, p. 49).

Logo, Walter Scott apresenta heróis medianos “apenas corretos e nunca heroicos” (2011, p. 49). Outra inovação do romance histórico foi a presença de personalidades históricas ocupando o papel de coadjuvantes ao invés de protagonista. Ainda acerca do herói scottiano, Lukács acrescenta que eles se mostram neutros perante as questões narradas a fim de mostrar

Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 33 – 50, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

DITADURA E RESISTÊNCIA EM OS QUE BEBEM COMO OS CÃES (1975), DE ASSIS BRASIL

ao leitor os dois lados da história ficcionalizada, como afirma no seguinte trecho:

Portanto, o que importa para o romance histórico é evidenciar, por meios ficcionais, a existência, o ser precisamente assim das circunstâncias e das personagens históricas. O que em Scott se chamou de maneira muito superficial de “verdade da atmosfera” é, na realidade, essa evidência ficcional da realidade histórica (LUKÁCS, 2011, p. 62).

Tanto a construção de seus personagens quanto a presença do fator especificamente histórico contida nas obras de Walter Scott, constituíram-se de base para sustentar a premissa defendida pelo filósofo de que a obra *Waverley* inaugura o então romance histórico. É a partir dele que este gênero literário consolida-se e firma princípios críticos e teóricos para desenvolver-se ao longo dos anos. Desse modo, permitindo a existência de uma relação interdisciplinar entre os campos da literatura e da história. Por conseguinte, as narrativas ficcionais tornam-se instrumento de aproximação e representação de contextos históricos e sociais distintos, não só pela roupagem ou plano de fundo, mas por reproduzir a psicologia, os valores, os costumes e as tradições de épocas passadas.

Ditadura, resistência e memória

O período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) foi abordado pelo historiador e professor Carlos Fico na obra *Como eles agiam? Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política* (2001). Nela, o autor relata como agiam os órgãos e instituições de repressão, perseguição, espionagem, censura e contenção de pessoas consideradas “subversivas” (FICO, 2001 p. 17). Dentre os principais pontos apontados por Fico, destacam-se o funcionamento da espionagem nos ministérios civis, a estrutura da repressão, a função e organização do sistema CODI/DOI e a perseguição política e ideológica, especialmente contra à classe dos estudantes e professores.

A preocupação com a propagação de ideias de oposição ao regime e a criação de uma frente de resistência aos militares, por parte de grupos de oposição, levou à necessidade da criação de um órgão responsável pela investigação e espionagem de suas ações. Dessa forma, os ministérios civis passaram a possuir um departamento de informações, as chamadas DSI (Divisão de Segurança e Informações), cada uma possuía sua *Assessoria de Segurança e Informações* (ASI). Esses departamentos eram responsáveis por interferir e influenciar no funcionamento dos ministérios considerados “problemáticos”, um deles era o *Ministério da*

Educação, em função do movimento estudantil (FICO, 2001, p. 85).

Além do estabelecimento dos setores de espionagem na década de 1960, o sistema de repressão também foi estruturado e organizado institucionalmente no intuito de combater potenciais opositores. Na visão dos militares radicais era necessário conhecer e atuar de modo repressivo com as ameaças ao regime (FICO, 2001, p. 111). Visando a execução de medidas mais violentas e opressoras, criou-se sob a gestão do alto escalão militar o CODI (Centro de Operações de Defesa Interna) e o DOI (Destacamento de Operações e Informações), que eram os responsáveis pela execução do “trabalho sujo” que deveria ser feito (FICO, 2001 p. 123).

Dentre os principais grupos perseguidos, destacam-se universitários e professores. Os estudantes eram tidos como facilmente influenciáveis por qualquer doutrinação ideológica, especialmente aqueles que participavam de movimentos coletivos, que os colocariam perante práticas imorais e de subversão da ordem (FICO, 2001, p. 187). Já os professores, eram constantemente perseguidos e espionados, tanto pelo CODI/COI quanto por governadores, que utilizavam a aposentadoria para violentar os direitos dos docentes considerados “esquerdistas” (FICO, 2001, p. 189). Além da perda de direitos e perseguição política, muitos profissionais da educação sofreram com medidas mais violentas, como prisão e tortura.

Esta relação de conflito entre forças de opressão e resistência, foi um dos muitos temas teorizados pelo crítico literário Alfredo Bosi, ele trouxe considerações sobre o conceito de resistência e sua relação com a narrativa no livro *Literatura e resistência* (2002). Primeiramente, o autor parte de um princípio filosófico da origem e significado empírico de resistência, sendo este um conceito ético e não estético. Portanto, a resistência é algo da vontade e da necessidade do indivíduo, neste sentido, ela implica em um embate de forças distintas, ou seja, o ato de opor uma força contra outra força exterior (BOSI, 2002, p. 118).

Para unir estes dois campos distintos – arte e resistência – os autores inserem os valores sociais como “uma força catalisadora” de cada contexto, dessa forma, os valores e antivalores se materializam na fisionomia dos personagens. Os valores impulsionam as ações dos personagens na trama para que este se sobressaia ou modifique o contexto social em que vive. São exemplos de valores e antivalores: liberdade e despotismo, igualdade e iniquidade, sinceridade e hipocrisia, coragem e covardia, fidelidade e traição. Além de conceituar resistência, valores e antivalores, Bosi também classifica como este primeiro conceito apresenta-se na narrativa. Para o autor, ela encontra-se como tema ou como processo imanente da escrita (2002, p. 120).

A resistência como tema, surgiu entre os anos 1930 e 1950, quando intelectuais e

DITADURA E RESISTÊNCIA EM OS QUE BEBEM COMO OS CÃES (1975), DE ASSIS BRASIL

escritores progressistas combatiam os regimes fascistas e autoritários utilizando a escrita ficcional para transcrever um discurso político ou ideológico, na maioria das vezes, esse discurso era popular e engajado, e possuía o objetivo de denunciar e posicionar-se contra o sistema social vigente. É o caso de *É isto um homem?* (1947), de Primo Levi, escritor judeu que relata sua experiência em um campo de concentração nazista, ou a obra *Memórias do cárcere* (1953), de Graciliano Ramos e *A rosa do povo* (1945), de Carlos Drummond de Andrade.

A resistência como parte imanente da escrita encontra-se internalizada na narrativa, independentemente da existência de tensões políticas ou ideologias militantes, neste caso, há “uma tensão interna que as faz resistentes, enquanto escrita, e não só, ou não principalmente, enquanto tema” (BOSI, 2002, p. 129). Logo, trata-se das categorias construtivas do texto narrativo, em especial a *estilização da linguagem* e o *ponto de vista*, que por si só expressa a resistência na narrativa.

Destarte, Bosi acrescenta que a resistência é um movimento que acontece de maneira interna ao foco narrativo e que ela é responsável por atar o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Nessa perspectiva, o sujeito ao enxergar-se como parte desse contexto e como um ser submetido a valores de um sistema dominante, opõe-se a ideia de compactuá-los de maneira mecânica, portanto, rompendo com as ideias pré existentes, e afastando-se da normalidade das instituições.

Na obra analisada, acompanha-se a jornada de um preso político que busca em seu íntimo forças para resistir as sequencias de tortura psicológica sofridas no cárcere, no decorrer da narrativa, a memória apresenta-se como um subterfúgio para o sofrimento do protagonista. Acerca da memória, o neurocientista Ivan Izquierdo, de origem argentina e naturalizado brasileiro, é considerado um dos pioneiros nos estudos da neurobiologia e do aprendizado. Em razão disso, tornou-se o pesquisador brasileiro mais citado em diversas áreas do conhecimento. Em sua obra *Memória* (2002), ele trata do funcionamento destas habilidades mentais, elencando os principais conceitos e definições acerca da memória.

Segundo o neurocientista, o conceito de memória em seu sentido mais amplo, “abrange desde os ignotos mecanismos que operam nas placas do meu computador, até a história de cada cidade, país, povo ou civilização, incluindo memórias individuais dos animais e das pessoas” (IZQUIERDO, 2002 p. 5). Nesta pluralidade de significados, focaremos no recorte que diz respeito à formação do indivíduo e sua identidade, como reitera Izquierdo: “Memória significa aquisição, formação, conservação e evocação de informações” (2002, p. 1). A aquisição, nesse sentido, trata-se do processo de aprendizagem, ou seja, daquilo que é “gravado” na memória,

já a evocação trata da recuperação ou recordação daquilo que foi aprendido e armazenado.

O autor ainda afirma que “é o acervo das memórias de cada um que nos torna indivíduos” (2002, p. 4). Logo, cada ser humano possui uma personalidade única, formada por meio da aquisição. No entanto, esse fator não implica no isolamento do homem, pelo contrário, ele sempre procurou interagir e formar sociedades, essa necessidade tem como fator principal a comunicação entre os indivíduos. É através do ato da linguagem que o ser humano compartilha e adquire aprendizados ao longo do tempo.

Além do mais, os seres humanos tendem a criar laços sócio afetivos com aqueles que compartilham das mesmas memórias e histórias. Como afirma Izquierdo: “a recordação de hábitos, costumes e tradições que nos são comuns leva a preferências afetivas e sociais” (2002, p. 4). A memória também pode sofrer deformações na medida em que os aprendizados e informações não são consideradas importantes para o indivíduo. Esse mecanismo de “apagamento” atua de tal forma que as lembranças recentes do cotidiano são rapidamente esquecidas, enquanto acontecimentos passados, porém de maior valor para o indivíduo, continuam armazenados. Como pode-se observar na seguinte afirmação de Izquierdo:

Nossa memória pessoal e coletiva descarta o trivial e, às vezes, incorpora fatos irreais. Vamos perdendo, ao longo dos dias e dos anos, aquilo que não interessa, aquilo que não nos marcou: ninguém se lembra em que ano foi construída aquela casa feia do outro quarteirão ou onde morava aquele colega da escola com quem tivemos pouco contato (IZQUIERDO, 2002, p. 7).

Portanto, a memória é fundamental para a formação do indivíduo e para a sua diferenciação dos demais seres que também a possuem, pois embora os animais compartilhem desse mesmo mecanismo, não são capazes de armazenar conhecimentos complexos. Como antes citado, a linguagem é o fator principal para essa diferença, é através dela que se pode adquirir, evocar e decodificar memórias (2002, p. 60). Desse modo, supõe-se que a falta de comunicação e interação entre os indivíduos pode levar a uma falha ou quebra neste processo de aquisição e evocação, culminando na perda de identidade e na falta de compreensão do “eu”, ao exemplo do personagem Jeremias.

Assis Brasil (1932-2021): vida e obra

Francisco de Assis Almeida Brasil é um escritor, professor, historiador, crítico literário e jornalista piauiense natural da cidade de Parnaíba, local onde iniciou sua carreira. Trabalhou em diversos jornais, entre eles, *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Correio da Manhã* e *Diário de*

DITADURA E RESISTÊNCIA EM OS QUE BEBEM COMO OS CÃES (1975), DE ASSIS BRASIL

Notícias. Mudou-se para Fortaleza e publicou sua primeira obra intitulada *Aventura no mar*, (1953) um romance infantojuvenil. Segundo Luiz Romero Lima, em *Presença da literatura piauiense*, Assis Brasil viveu exclusivamente da profissão de escritor, e devido a este fato, teve de superar o estigma de quem escreve para sobreviver (LIMA, 2011, p. 184).

O autor é classificado como modernista da terceira geração, e, ao todo, possui 114 títulos de obras das mais diversas temáticas. Sua produção é organizada em ciclos, destacando-se o *Ciclo do Terror*, a qual pertence a obra analisada neste artigo, e a *Tetralogia Piauiense*. No primeiro caso, as obras possuem como característica a representação de sentimentos e pautas universais, por exemplo, a falta de liberdade, a opressão, o medo da morte e as injustiças sociais. Já no segundo caso, trata-se de um retorno e exaltação da cultura piauiense e as próprias raízes do autor.

Além do mais, o piauiense contribuiu para a crítica literária com ensaios sobre Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e entre outros nomes. Também escreveu novelas, crônicas, contos, romances históricos, literatura infanto-juvenil e obras teocráticas. Por tamanha produtividade ao longo de sua carreira, Assis Brasil recebeu da Academia Brasileira de Letras o prêmio Machado de Assis em 2004. Suas duas obras de maior destaque, *Beira rio beira vida* (1965) e *Os que bebem como os cães* (1975) foram vencedoras do Prêmio Nacional Walmap.

Ocupando a cadeira número 36 da Academia Piauiense de Letras (APL), Assis Brasil findou sua vida no ano de 2021, na capital Teresina, cidade onde residia nos últimos anos. Por tais motivos, o autor integra a lista de escritores representativos da literatura piauiense, suas obras são objetos de estudo da literatura regional, cultura e identidade piauienses. Para além do regionalismo, Assis Brasil demonstrou dinamismo temático e estilístico em seus escritos, contribuindo para a área das Letras, Humanidades e Teologia.

Os que bebem como os cães: uma obra de temática universal e atemporal

A obra *Os que bebem como os cães* é um romance modernista e piauiense que abrange uma temática universal: “a falta de liberdade e opção” (LIMA, 2011, p. 192). A edição do livro em análise possui na capa a ilustração de um homem maltrapilho, acorrentado em uma prisão, acompanhado de um pequeno recipiente destinado à alimentação. Esta arte dialoga diretamente com o título da obra, pois, ao longo da narrativa, o leitor acompanhará a animalização dos homens retratados por Assis Brasil, como exemplifica o seguinte trecho:

A língua parecia ter crescido um palmo e pegava a forma e a levava à garganta, assim como a tromba de um elefante ou a língua de um tamanduá. E ouvia seu próprio barulho ao se alimentar cadenciado, bocado após bocado, um cão domesticado e ativo. Só lhe faltava a coleira e o rabo. Podia até grunhir e escolher o canto para as suas necessidades. (ASSIS BRASIL, 2005, p. 52)

O romance possui 144 páginas, que estão divididas em 42 capítulos denominados por “A cela”, “O pátio”, e “O grito”. A repetição no título dos capítulos desempenha funções importantes na narrativa, dentre elas destacam-se: a marcação do tempo psicológico e cronológico; expressar um efeito cíclico (as ações dos personagens se repetem sem que haja uma conclusão para os ciclos iniciados); antecipar os fatos e determinar o espaço físico onde a ação está sendo realizada, como é o caso dos capítulos intitulados de “A cela” e “O pátio”.

O livro é narrado em terceira pessoa através de um narrador onisciente que apresenta os espaços, as ações e poucos personagens. Contudo, em determinados momentos, o narrador utiliza-se do discurso indireto livre. Em relação ao enredo/ação, observa-se que a obra não apresenta grandes sequências de ações, sendo estática e repetitiva, tornando-se exaustiva. No entanto, estas características são responsáveis por transmitir ao leitor a sensação de angústia, privação, dúvida e sofrimento do protagonista. Além do mais, os principais fatos estão mais relacionados a questões psicológicas e emocionais do personagem.

A apresentação do enredo acontece da seguinte forma, em uma cela de prisão desconhecida um homem sem nome, é acordado de maneira violenta por guardas, logo percebe se que o preso está sendo tratado sob condições degradantes. Adiante, revela-se que o preso é chamado de Jeremias, no entanto, o motivo de sua prisão ainda é desconhecido. Ele tenta lembrar-se de seu passado, e para isso, recorda de valores que faziam parte de sua identidade, por exemplo, a família, sintetizada aqui através da figura materna, conforme o trecho abaixo:

Matilde. Matilde - pronunciava lentamente, para ver a sua relação com as imagens que agora lhe surgiam na mente: estava mais uma vez tomando sopa de maizena - os braços brancos da mulher que o servia deixavam aparecer pequenas veias azuis. Agora pôde subir com a vista até o seu pescoço, até o seu rosto - um sorriso bondoso naqueles lábios finos se completava com a doçura dos olhos brilhantes. Minha mãe. Minha mãe. (ASSIS BRASIL, 2005, p. 48)

Partindo das características principais do romance histórico, considera-se que o protagonista, Jeremias, é, como afirma Lukács, um herói mediano. Ele não possui virtudes elevadas como um herói romântico ou épico, e apresenta-se como um homem comum, possuindo uma profissão, esposa e família. No entanto, existe uma discordância em um aspecto, pois, Jeremias, apesar de ser um homem “médio”, possui uma causa pela qual lutava, ao

DITADURA E RESISTÊNCIA EM OS QUE BEBEM COMO OS CÃES (1975), DE ASSIS BRASIL

contrário do herói do romance histórico clássico. Ele não é neutro, como os protagonistas tradicionais, e busca formar resistência ao sistema dominante, “- queria lutar agora, sentia a *revolta* que era própria do homem, o seu estado natural de luta contra o Outro, o Injusto” (BRASIL, 2005, p. 50).

Jeremias é torturado fisicamente e psicologicamente, o que o leva a perda da memória através de uma lavagem cerebral, além disso, ele possui uma série de direitos violados durante a prisão. O banho é raro, a água é escassa, a comida é acompanhada de substâncias alucinógenas para ocasionar a perda da memória. Em um dado momento, o leitor descobre que se trata de uma prisão política, pois Jeremias é um professor de Literatura, logo considerado um agitador (LIMA, 2013, p. 193), alguém que pode influenciar ideologicamente as pessoas e conduzi-las a práticas de subversão e desordem, como exemplifica a passagem a seguir, onde o personagem lembra -se de quem era antes do cárcere: “Hoje é meu aniversário, tenho quarenta e dois anos, me chamo Jeremias, sou professor de Literatura, tenho uma mulher e uma filha, minha mãe ainda está viva [...] mas por que agitou os estudantes?” (BRASIL, 2005, p. 136).

Sem escapatória para aquela situação, ele busca resistir ao seu contexto de opressão prendendo-se ao seu passado, e faz dele uma espécie de consolo para sua angústia. Conformando-se com a falta de opção que lhe é imposta, ele recorre ao suicídio para dar um fim ao seu sofrimento, assim como boa parte dos outros homens que também estavam encarcerados. Após a morte, Jeremias é retirado do pátio pelos guardas e seu corpo é deslocado numa maca para um local desconhecido.

Os demais personagens da narrativa não são nomeados ou detalhados, porém, algumas figuras que se fazem presentes no romance possuem papel de grande importância para a construção do discurso da narrativa, como é o caso dos guardas. Eles são denominados por termos como, “vermes de farda”, “fardas amarelas” ou “homens de botas” e embora sejam de poucas e monótonas ações, eles representam antivalores presentes no contexto sociopolítico subentendido da narrativa, o período Militar, e como visto em Lukács, o romance histórico tem como finalidade representar períodos de crise da história.

O lugar físico da narrativa é desconhecido, não se menciona país, estado ou cidade onde a prisão está localizada e Jeremias conhece apenas dois espaços durante a prisão: a cela e o pátio. A trajetória do protagonista prende-se a esses dois locais de tal forma que a sua psicologia é afetada diretamente pela atmosfera de cada um deles. No pátio, ele vê outros prisioneiros e enxerga-se na figura dos demais presos, sente prazer ao rever o sol e tomar banho, conforme a passagem a seguir: “O barulho ritmado das botas, do lado de fora da cela, já lhe repercutia como um som agradável: ia sentir novamente a claridade, ia sentir o sol, a água, e era bom também ouvir o grito daqueles homens esfarrapados” (BRASIL, 2005, p. 21).

Já na cela, o protagonista encontra-se na companhia de seus pensamentos e sentimentos, naquele local, Jeremias ocupa-se em reflexões sobre a vida, o passado e sua condição desumana. A atmosfera dos ambientes é sombria, angustiante, claustrofóbica, e em determinados momentos, repulsiva. Toda essa caracterização dos espaços é fundamental para transmitir ao leitor todo o horror e violência dos contextos opressores das ditaduras. Em relação ao tempo, apresentam-se dois, o tempo cronológico e o psicológico.

O tempo cronológico, assim como o espaço, é indefinido. O autor não estabelece um período de tempo para a duração da estória, também não é possível identificar a quanto tempo o personagem principal está encarcerado e tampouco a data dos acontecimentos. O protagonista tenta contar os dias observando a frequência dos banhos e da entrega da alimentação ou as idas ao pátio, “Um mês para a volta. Trinta dias. Mas na realidade nunca conseguiria saber de que tamanho eram trinta dias naquela cela” (ASSIS, 2005, p. 46). Mas apesar disso, ele não consegue determinar com exatidão o seu tempo de cárcere, esta característica implica em dois fatores que merecem destaque.

Primeiramente, a ausência da marcação do tempo confere um efeito de dúvida e apreensão no leitor, que dessa forma, pode experienciar os sentimentos do protagonista em relação ao seu destino. O segundo fator está relacionado com o contexto histórico da publicação do romance, pois ele foi publicado ainda no período da Ditadura Militar, em que opiniões contrárias e críticas eram severamente perseguidas. Quanto ao tempo psicológico, este por sua vez, é intenso e recorrente na narrativa, pois, ao longo do cárcere, Jeremias passará por profundas reflexões, *flashbacks* e lapsos temporais em busca das respostas para seus questionamentos, logo, a memória será de extrema importância para o processo de humanização e resistência.

A representação da tortura e o papel da memória como forma de resistência

A obra em análise expressa a violência de governos autoritários e a violação de direitos básicos ao representar a tortura como instrumento de opressão e perpetuação de poderes antidemocráticos, bem como o silenciamento de vozes opositoras e a liberdade de expressão. Como afirma Caio Henrique Medeiros Sousa em seu artigo “*Os que bebem como os cães* (1975), de Assis Brasil, diante da defesa dos direitos humanos no século XXI”, percebemos que, mesmo sem retratar fielmente fatos históricos, Assis Brasil toma por base eventos reais e os utiliza para modelar a narrativa, como é comum no romance histórico contemporâneo” (SOUSA, 2021, p. 60).

Partindo da relação entre literatura, história e sociedade, podemos considerar que *Os Humana Res*, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 33 – 50, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

DITADURA E RESISTÊNCIA EM OS QUE BEBEM COMO OS CÃES (1975), DE ASSIS BRASIL

que bebem como os cães, é certamente uma referência ao período da Ditadura Militar no Brasil. Além do mais, o romance tece uma denúncia social acerca das pessoas que foram presas, torturadas, perseguidas e mortas durante o regime, bem como a resistência e a formação de forças opositoras. Essa crítica é construída através dos seguintes fatores: a descrição das ações, a materialização dos valores e antivalores e a exploração da memória e da psicologia do protagonista.

Sobre o primeiro ponto, nota-se a preocupação do escritor em utilizar a linguagem de forma a tornar a obra extremamente verossímil e transmitir ao leitor os sentimentos de repulsa, crueldade e a violência que atingem o personagem. A representação da tortura faz-se presente durante toda a obra, ela é utilizada não somente para reprimir, mas também para punir e conseguir informações sobre possíveis “agitações” instigadas por Jeremias.

Tomando partido da realidade histórica brasileira, sabe-se que a tortura também era um instrumento valioso para os militares atuantes no regime, como constatou o historiador Carlos Fico, o “trabalho sujo” era atribuído aos militares de escalão mais baixo na hierarquia do exército. Ao analisar a obra nota-se que este serviço também é delegado aos guardas, ou “as botas” e “homens de farda” como denomina Assis Brasil. Quanto a tortura física na obra, podemos encontrá-la expressada de diversas formas, a primeira a ser identificada pelo leitor, recai sobre as condições insalubres onde o indivíduo é exposto, conforme exemplifica a seguinte passagem:

Aos poucos ia apalpando o chão com o corpo, de bruços, o rosto quase a tocar a areia: - sentia o cheiro da terra - uma terra velha e usada, com cheiro de mofo, com cheiro de urina -sentia as paredes, mesmo sem vê-las na escuridão: a opressão do cubículo estava em seu corpo, em seus poros (BRASIL, 2005, p. 9).

Outrossim, o cárcere e a privação da liberdade também se configuram como uma violência, pois retira do indivíduo o seu direito de ir e vir e exercer sua cidadania e autonomia, vale ressaltar que, Jeremias foi feito prisioneiro por divergências ideológicas. No romance, não é exposto o crime cometido, tampouco algum tipo de processo ou julgamento foi oferecido à vítima. A prisão onde se encontra não possui infraestrutura e seu funcionamento é organizado com intuito único de causar o sofrimento e silenciar as vozes daqueles que desafiam o sistema.

Sendo assim, nota-se que a ambientação da obra, ao que tange o espaço físico e atmosfera, são elementos propiciadores da opressão, tornando-a não somente um cenário ou plano de fundo, mas um fator intrínseco à narrativa. Para além da ambientação, também se fazem presentes a violência física e verbal, os cativos são alvos de xingamentos, como demonstra a passagem: “De pé, seu cachorro. E outra voz: - Cão leproso” (BRASIL, 2005, p. **Humana Res**, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 33 – 50, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

54), e também de agressões, conforme o trecho:

Recebeu um tapa no rosto e pela primeira vez, desde que se achava ali, teve vontade de revidar, de levantar os punhos, teve vontade de agredir, o que quer que fosse, um homem ou uma parede. O esparadrapo foi arrancado de seus lábios, a cabeça empurrada sob a água (BRASIL, 2005, p. 55).

Para além da ficção, a perseguição ideológica faz-se presente na vida real, sobretudo em contextos de tensão política. No período da Ditadura Militar no Brasil, o uso da força para oprimir cidadãos de oposição foi justificada pela narrativa de “ameaça comunista” ao país. Retomando Carlos Fico, uma das classes de maior preocupação do governo em relação a sua capacidade de “doutrinar” ou “ideologizar” os jovens eram os professores. Na obra em questão, o protagonista é um professor, portanto, uma figura considerada capaz de influenciar o pensamento dos jovens.

Esta questão se intensifica ainda mais ao especificar que Jeremias ministrava aulas de Literatura, e por conseguinte, contribuía para a formação do pensamento crítico, visto o papel social que a literatura exerce. No decorrer da obra, fica esclarecido que o motivo para a prisão de Jeremias foi a produção de um livro, em que, supostamente expressaria ideias de subversão aos seus leitores. Fato este, explícito no trecho em que o protagonista é questionado pelo guarda: “É verdade que está escrevendo um livro? O que está escrevendo?” (BRASIL, 2005, p. 137).

Quanto a tortura psicológica, por sua vez, se sobressai em relação a tortura física e é expressa em todo o romance, pois a narrativa possui tempo psicológico. A privação da liberdade é percebida de início, Jeremias encontra-se em uma cela, sem a companhia de outros cativos. Com a prisão, logo é constatado que o professor não possui o direito de comunicar-se com os outros homens, portanto, a interação social neste ambiente é quase inexistente, como afirma a passagem: “mas por que o esparadrapo na boca dos presos? Os guardas têm medo de nossas queixas ou de nossas próprias vozes?” (BRASIL, 2005, p. 13).

O fato contribui para o agravamento da saúde mental de Jeremias, pois, de acordo com Ivan Izquierdo, os indivíduos são sociáveis e possuem a tendência de interagir e criar laços entre si. Tal tendência é propiciada pela comunicação entre os seres humanos, portanto, conclui-se que o ato da comunicação possui importância para a humanização dos indivíduos. Logo, a ausência dela ocasiona um processo de desumanização, e por consequência a desconstrução da identidade. A tortura física juntamente com a psicológica leva o protagonista a perder, aos poucos, sua capacidade de lembrar daquilo que sua mente aprendeu e armazenou

DITADURA E RESISTÊNCIA EM OS QUE BEBEM COMO OS CÃES (1975), DE ASSIS BRASIL

ao longo de sua vida, gerando assim a perda da memória.

Inicia-se então a jornada de Jeremias em busca de sua memória, do seu passado e sua identidade, o leitor acompanhará com angústia os questionamentos e as descobertas do personagem em relação a sua vida passada. As memórias de Jeremias terão um papel crucial na sua luta contra o meio opressor, são elas que irão nortear o professor e o impulsionar a formar uma resistência contra os seus opositores. Neste processo, ele relembra os seus valores, sentimentos e emoções, e por breves momentos, experimenta novamente a sua humanidade.

Além de recuperar a memória da mãe, Jeremias, em um de seus lapsos, lembra da esposa, da filha e do pai. Esta ênfase na “mãe”, “filha” e “esposa” e “pai”, reforça a prerrogativa da instituição familiar como sendo um elemento para a existência e dignidade do ser humano. Agregado a isto, a crença também é ressaltada em um dado momento quando Jeremias assume estar arrependido de sua descrença, porém, dentro da cela, ele sente uma necessidade de procurar fé na figura divina. Sendo assim, entende -se que a obra reafirma "Deus" e "família" como fatores basilares de uma vida plena e humana. Este encontro entre a descrença e o divino é marcado em uma poética passagem da obra:

Oh, Deus - repetia. Não preciso da Tua imagem para sobreviver, como preciso da imagem das pessoas que amei. O meu amor por Ti é novo, pois não Te conhecera antes - disso estou certo. Não houve um concorrente para mim porque não existia. Minha mãe, os entes que amei, ficaram na escuridão do mundo, perdidos, e eu Te achei na claridade desta sala (BRASIL, 2005, p. 43).

Dessa forma, observa-se no romance uma dualidade entre o homem humanizado versus o homem animalizado, sendo o fator que os diferencia são os valores, como, liberdade, família e Deus. Ademais, as relações de interação social, a criação de laços com aqueles a qual compartilham dos mesmos gostos, pensamentos e ideias também são elementos cruciais para o desenvolvimento humano.

Na narrativa, nota-se que Jeremias incentiva seus companheiros de cárcere na luta contra a opressão, tomando a frase “Vivam homens!” (BRASIL, 2005, p. 116) como um lema para os cativos, isto acontece à medida em que ele recupera a sua memória e retorna a esboçar sentimentos novamente. O romance expressa a luta e a resistência do homem versus o homem ou do homem contra o meio, também se faz presente uma reflexão das relações de poder entre os humanos, conforme expressa a seguinte passagem do texto:

O poder. Aqueles vermes tinham poder sobre os outros - algo estranho acontecera para que alguns deles, fardados como uma unidade de guerra, dominassem os outros, esfarrapados como um bando de mendigos. O poder era aquilo - uma voz mais poderosa e que tinha meios mais poderosos para o domínio. O poder e o domínio - o confinamento de uma parcela de homens, o

poder nas mãos de uma parcela de vermes (BRASIL, 2005, p. 44).

Retomando as considerações de Bosi acerca de literatura e resistência, nota-se que, os valores e antivalores dos personagens constituem a força catalisadora que impulsionaram as ações, e o papel dos personagens aqui, é materializá-los. Em vista desse ponto, verifica-se o seguinte cenário: os guardas da prisão representam a ideologia política que liderava o país, seus antivalores são a opressão, intolerância e violência.

Por sua vez, Jeremias representa uma ideologia opositora, os valores que o impulsionam são a liberdade, tolerância e esperança. Deste modo, têm-se a dualidade entre valores e antivalores, neste caso, a força do sistema é maior e o lado vulnerável tenta resistir, mas perece diante de um oponente mais forte. Apesar da luta e da resistência, Jeremias não consegue libertar-se da prisão, suas forças se esvaem e o personagem conforma-se com a única alternativa que lhe é dada: o suicídio.

Debilitado e sem esperanças, o professor percebe que não há opção naquele meio e a morte seria a única saída. Depois de morto, Jeremias ainda possui sua dignidade violada, não é velado, seu corpo é levado em uma maca para um lugar indefinido. Traçando um paralelo com a história, presume-se que seu corpo tenha sumido com os demais presos políticos que tiveram o mesmo destino e que hoje compõem as estatísticas de pessoas perseguidas, sequestradas e mortas durante a Ditadura Militar.

Considerações finais

Em síntese, ao analisar a obra *Os que bebem como os cães*, de Assis Brasil, constata-se uma representação da Ditadura Militar no Brasil, através da ficcionalização da realidade e do saber histórico do país. De maneira específica, o romance focaliza práticas de tortura física e psicológica, a opressão e a perseguição ideológica ocorrido durante o período, demonstrando, a partir da escrita, um processo de desumanização ocasionado pela perda da liberdade e dos direitos.

Em contraponto ao processo de desumanização, também estão presentes no romance a resistência e o embate entre valores e antivalores. A resistência, por sua vez, será impulsionada pela busca da identidade e pela recuperação da memória do protagonista, sendo assim, esses dois fatores serão cruciais para o processo de humanização que ocorrerá ao longo da narrativa. De modo geral, é apresentado no romance uma dualidade entre humanização e desumanização, em que a memória, os valores e os ideais desenvolvem um importante papel para a construção

Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 33 – 50, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

DITADURA E RESISTÊNCIA EM OS QUE BEBEM COMO OS CÃES (1975), DE ASSIS BRASIL

dessa relação oposta.

Outrossim, a temática abordada no romance possui características de uma obra universal e atemporal. Universal, pois, através do protagonista, o autor representa o embate entre opressão e resistência, valores estes, que acompanham e marcam a história da humanidade ao longo do tempo e em variadas conjunturas sociais. Logo, torna-se atemporal, pois, não prende-se a um determinado momento histórico, podendo assim, transitar em muitos cenários históricos e representar diversos contextos de opressão em variados recortes temporais.

Ademais, o romance traça um panorama social ao representar as relações de poder entre os seres, bem como o domínio do forte perante o vulnerável. Neste duelo, são expostos a divergência entre valores e antivalores dos personagens da obra, atribuindo assim, papéis sociais aos personagens de acordo com o que representam. Assim, tem-se Jeremias, o professor, como o resistente, que luta pra viver em meio a opressão, em oposição, há os guardas representando a força que se mantém no poder através da intolerância e da perseguição.

Quanto aos traços estilísticos, nota-se com maior atenção a construção do tempo e disposição das ações. A obra apresenta-se como uma narrativa cíclica e de tempo psicológico, além da presença de nuances de sondagem psicológica ao longo da narração. Para mais, o romance possui um caráter denunciativo e crítico, tão característicos dos romances modernistas de sua época.

Outra característica em *Os que bebem como os cães* é a presença de certa transitividade em relação aos aspectos constituintes do romance, que ora preserva traços do romance histórico clássico (mesmo não sendo classificado como um), ora exprime traços do romance histórico pós-moderno, ou novo romance histórico. Sendo assim, mostra-se como uma obra de grande potencial investigativo e que possibilita análises em múltiplas perspectivas e teorias.

Por fim, o romance de Assis Brasil, apesar de ser uma ficção, mostra-se como um instrumento possível de conscientização e formação da senso crítico acerca dos períodos históricos de crise, em que a ética e direitos humanos foram suprimidos em prol da instalação e manutenção de governos autoritários ao redor do mundo, em especial na América Latina e no Brasil. Sendo assim, uma obra com potencial investigativo que possibilita análises em múltiplas perspectivas e teorias.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRASIL, Assis. **Os que bebem como os cães**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

FICO, Carlos. **Como eles agiam**: os subterrâneos da ditadura militar; espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, 2001.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

LIMA, Luiz Romero. **Presença da literatura piauiense**. Teresina: Halley, 2003.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.

SOUSA, Caio Henrique Medeiros; FROTA, Wander Nunes. *Os que bebem como os cães* (1975) de Assis Brasil, diante da defesa dos direitos humanos no século XXI. **Scripta Alumni**, Curitiba, Paraná, v.24, n.1, p.59-76, jan.-jun.2021.